

Sarah Bakewell

No café existencialista

O retrato da época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas

TRADUÇÃO
Denise Bottman



Copyright © 2016 by Sarah Bakewell

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

At the Existentialist Café: Freedom, Being and Apricot Cocktails

Capa

© Simone Massoni

Preparação

Diogo Henriques

Índice remissivo

Probo Poletti

Revisão

Jane Pessoa

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bakewell, Sarah

No café existencialista: O retrato da época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas / Sarah Bakewell; tradução Denise Bottman. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

Título original: At the Existentialist Café

Bibliografia.

ISBN: 978-85-470-0040-0

1. Existencialismo 2. Existencialismo — História
3. Filósofos — Biografia I. Título.

17-03482

CDD-142.78

Índice para catálogo sistemático:

1. Existencialismo : Filosofia 142.78

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

Sumário

1. Oh, que horror, o existencialismo!.....	9
2. Às coisas mesmas	41
3. O mago de Messkirch	55
4. O eles, o chamado	78
5. Mastigar amendoeirias em flor.....	101
6. Não quero comer meus manuscritos	123
7. Ocupação, Libertação.....	138
8. Devastação	174
9. Estudos ao vivo	205
10. O filósofo dançarino.....	224
11. <i>Croisés comme ça</i>	237
12. Os olhos dos desfavorecidos	264
13. Tendo provado uma vez a fenomenologia	291
14. A imponderável exuberância	308
<i>Agradecimentos</i>	319
<i>Lista de personagens</i>	321
<i>Notas</i>	327
<i>Bibliografia selecionada</i>	385
<i>Créditos das imagens</i>	401
<i>Índice remissivo</i>	403

1

Oh, que horror, o existencialismo!

Em que três pessoas tomam coquetéis de damasco, outras ficam acordadas até tarde conversando sobre a liberdade e outras ainda mudam de vida. Nós também queremos saber o que é o existencialismo.

Diz-se às vezes que o existencialismo é mais um estado de espírito que uma filosofia, e que pode ser rastreado até os romancistas atormentados do século XIX; antes deles, até Blaise Pascal, que se sentia aterrorizado diante do silêncio dos espaços infinitos; antes dele, até santo Agostinho, o escrutinador da alma; antes dele, até o Antigo Testamento, com o cansaço de Eclesiastes e a contestação de Jó, que ousou questionar a peça que Deus lhe pregava e só se calou perante intimidações. Pode ser rastreado, em suma, até qualquer um que tenha alguma vez sentido insatisfação, revolta ou desgosto com alguma coisa.¹

Mas pode-se fazer o caminho inverso e situar o nascimento do existencialismo moderno na virada de 1932 para 1933, quando três jovens filósofos estavam sentados no Bec-de-Gaz, um bar na Rue du Montparnasse, em Paris, pondo as novidades em dia e tomando coquetéis de damasco, a especialidade da casa.²

Dos três ali presentes, quem depois contou a história com mais detalhes foi Simone de Beauvoir, que então estava perto dos 25 anos e gostava de observar detidamente o mundo com seus elegantes olhos velados. Estava com o namorado Jean-Paul Sartre, de 27, ombros caídos, boca de peixe, pele áspera e irregular, orelhas de abano e olhos que apontavam para dois lados diferentes, pois o olho direito quase cego puxava para fora, com forte estrabismo ou exotropia. O incauto podia ficar desnorteado ao falar com ele, mas, se se concentrasse no olho esquerdo, veria que o fitava atento e cordial: o olho de um homem interessado em tudo o que a pessoa tinha a dizer.

Agora Sartre e Beauvoir estavam sem dúvida interessados, pois a terceira pessoa à mesa tinha novidades para lhes contar. Era o velho amigo de escola de Sartre, o afável Raymond Aron, colega de curso na École Normale Supérieure. Como os outros dois, Aron estava em Paris para as férias de inverno. Mas, enquanto Sartre e Beauvoir davam aulas na província — Sartre em Le Havre, Beauvoir em Rouen —, Aron estivera estudando em Berlim. Agora comentava com os amigos sobre uma filosofia que havia conhecido por lá, com o nome meio complicado de fenomenologia — palavra comprida, mas com um equilíbrio elegante, que rende sozinha um verso inteiro de trímetro jâmbico, tanto em francês quanto em inglês.

O que Aron estava dizendo podia ser algo mais ou menos assim: os filósofos tradicionais costumavam começar por teorias ou axiomas abstratos, mas os fenomenólogos alemães iam direto à vida como a viviam a cada momento. Deixavam de lado quase tudo o que vinha alimentando a filosofia desde Platão: enigmas sobre a realidade das coisas ou sobre a possibilidade de conhecermos com certeza alguma coisa sobre elas. Esses fenomenólogos alemães, em vez disso, ressaltavam que qualquer filósofo que faça tais perguntas *já* está inserido num mundo cheio de coisas — ou, pelo menos, cheio de aparências de coisas ou “fenômenos” (da palavra grega que significa “coisas que aparecem”). Então por que não se concentrar nesse encontro com os fenômenos e ignorar o resto? Não é necessário abandonar para sempre os velhos enigmas, mas eles podem ser postos entre parênteses, por assim dizer, para que os filósofos possam lidar com assuntos mais terrenos.

O principal pensador dos fenomenólogos, Edmund Husserl, formulou o grande lema: “Voltar às coisas mesmas!”.³ Significava: não perca tempo com as interpretações que vão se somando às coisas e, principalmente, não perca tempo perguntando se as coisas são reais. Apenas olhe para isso que se apresenta a você e descreva esse isso, seja o que for, com a máxima precisão possível. Outro fenomenólogo, Martin Heidegger, acrescentou mais uma volta. Ao longo de toda a história, os filósofos ficaram perdendo tempo com questões secundárias, dizia ele, esquecendo-se de responder à mais importante, a questão do Ser. O que é ser, para uma coisa? O que significa dizer que você é? Heidegger argumentava que, enquanto não respondermos a essa pergunta, nunca chegaremos a lugar nenhum. E recomendava o método fenomenológico: desconsidere o acúmulo intelectual; preste atenção nas coisas e deixe que elas se revelem a você.

“Pois veja, *mon petit camarade*”, Aron disse a Sartre — “meu camaradinha”, como o chamava afetuosamente desde os tempos de escola —, “se você é um fenomenólogo, pode falar sobre esse coquetel e fazer filosofia a partir dele!”

Segundo o que escreveu Beauvoir, Sartre ficou pálido ao ouvir isso. Ela criou um efeito mais dramático sugerindo que nunca tinham ouvido falar em fenomenologia. Na verdade, ambos haviam tentado ler um pouco de Heidegger. Saíra uma tradução de sua conferência, “O que é a metafísica?”, no mesmo número da revista *Bifur* em que fora publicado um dos primeiros ensaios de Sartre, em 1931. Mas, acrescentou Beauvoir, “como não conseguimos entender uma palavra, não percebemos seu interesse”.⁴ Agora percebiam seu interesse: era uma maneira de filosofar que reconectava a filosofia com a experiência normal, vivida.



Estavam mais do que prontos para esse novo início. Na escola e na universidade, Sartre, Beauvoir e Aron haviam passado pelo austero programa de ensino francês de filosofia, dominado por problemas do conhecimento e pela reinterpretação interminável das obras de Immanuel Kant. As questões epis-

temológicas iam se abrindo uma a partir da outra, como num caleidoscópio em movimento, sempre voltando ao mesmo ponto: penso que sei algo, mas como posso *saber* que sei o que sei? Era difícil, mas inútil, e os três estudantes — apesar das ótimas notas nos exames — se sentiam insatisfeitos, em especial Sartre. Depois da graduação, ele deu a entender que estava incubando uma nova “filosofia destrutiva”, mas não explicou que forma teria, pela simples razão de que ele mesmo não fazia muita ideia.⁵ Não avançara muito além de um espírito geral de rebelião. Agora era como se alguém tivesse passado à sua frente. Se Sartre empalideceu à notícia de Aron sobre a fenomenologia, provavelmente foi não só por entusiasmo, mas também por ressentimento.

Seja como for, ele nunca esqueceu aquele momento e, passados mais de quarenta anos, comentou numa entrevista: “Posso lhe dizer que aquilo me derrubou”.⁶ Aí estava, finalmente, uma filosofia real. Segundo Beauvoir, ele foi correndo até a livraria mais próxima e falou: “Me dê tudo o que você tiver sobre fenomenologia, já!”. O que o livreiro trouxe foi um pequeno volume de Emmanuel Levinas, que estudava Husserl, *La Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl* ou *A teoria da intuição na fenomenologia de Husserl*. Naquela época, os livros ainda vinham com as páginas sem cortar. Sartre rasgou as beiradas do livro de Levinas sem nem esperar um estilete para abri-las e começou a ler andando pela rua. Parecia Keats ao se deparar com a tradução de Homero feita por Chapman:

*Eu era como um observador do firmamento
Quando um novo planeta vem ao campo de visão,
Ou como o valoroso Cortez com olhar percuciente
Fitava o Pacífico — e em delirante suposição
Seus homens se entreolhavam mutuamente —
Em silêncio, numa montanha em Darião.*⁷

O olhar de Sartre não era percuciente e ele nunca foi bom em manter silêncio, mas suposições certamente não lhe faltavam. Aron, notando seu entusiasmo, sugeriu-lhe que fosse a Berlim no outono seguinte, para estudar no Instituto Francês de lá, como ele mesmo fizera. Sartre poderia estudar alemão, ler as obras dos fenomenólogos no original e absorver de perto suas energias filosóficas.

Tendo os nazistas acabado de chegar ao poder, o ano de 1933 não era o mais propício para se estabelecer na Alemanha. Mas, para Sartre, era uma boa hora para mudar o rumo na vida. Ele estava entediado com o fato de dar aulas, com o que aprendera na universidade e por ainda não ter se tornado o autor genial que, desde a infância, esperava vir a ser. Para escrever o que queria — romances, ensaios, tudo —, ele sabia que antes precisava ter Aventuras. Entre suas fantasias, já pensara em trabalhar com os estivadores em Constantinopla, em meditar com os monges no monte Atos, em se esgueirar pelas ruas com os párias na Índia, em enfrentar tempestades com os pescadores nas costas do Labrador.⁸ Por ora, o simples fato de não estar dando aulas em Le Havre já era uma aventura.

Sartre tomou as providências necessárias, o verão terminou, e lá foi ele estudar em Berlim. Quando voltou, ao cabo de um ano, trouxe uma nova mistura: os métodos da fenomenologia alemã, aos quais juntou ideias anteriores do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard e o tempero tipicamente francês de sua sensibilidade literária própria. Aplicou a fenomenologia à vida das pessoas de uma maneira pessoal e mais empolgante do que jamais seus inventores sequer imaginaram fazer, e assim se tornou o criador de uma filosofia que teve impacto internacional, mas mantendo o sabor parisiense: o existencialismo moderno.

O genial da invenção de Sartre foi que ele realmente converteu a fenomenologia numa filosofia de coquetéis de damasco — e dos garçons que os serviam. E também numa filosofia sobre a expectativa, o cansaço, a apreensão, o entusiasmo, um passeio pelas montanhas, a paixão por uma mulher desejada, a aversão por uma mulher indesejada, os jardins parisienses, o mar gelado de outono em Le Havre, a sensação de estar sentado no forro de um sofá muito estofado, a maneira como os seios de uma mulher se espraíam quando está deitada de costas, a emoção de uma luta de boxe, de um filme, de uma canção de jazz, a rápida visão de dois desconhecidos se encontrando à luz de um poste na rua.

Enquanto os filósofos anteriores escreviam com proposições e argumentos cuidadosamente elaborados, Sartre escrevia como romancista — o que não é de se admirar, pois de fato era romancista. Em seus romances, contos e peças, tal como nos ensaios filosóficos, ele discorria sobre as sensações físicas do

mundo e as estruturas e os estados de espírito da vida humana. E, acima de tudo, sobre um grande tema: o que significava ser livre.

A liberdade, para ele, estava no cerne de toda a experiência humana, e era isso que diferenciava os seres humanos de todas as outras espécies de objetos. As outras coisas simplesmente ficam no lugar, esperando ser puxadas ou empurradas. Mesmo os animais não humanos seguem basicamente os instintos e comportamentos que caracterizam sua espécie, segundo Sartre. Mas, como ser humano, não tenho nenhuma natureza previamente definida. Crio essa natureza conforme escolho o que fazer. Claro que posso ter a influência de minha biologia ou de aspectos de minha cultura e formação pessoal, mas nada disso forma um esquema completo que produzirá o que sou. Estou sempre um passo adiante de mim mesmo, criando-me à medida que prossigo.

Sartre formulou esse princípio num lema de cinco palavras que, para ele, definia o existencialismo: “A existência precede a essência”.⁹ O que essa fórmula ganha em brevidade perde em inteligibilidade. Mas significa aproximadamente que, encontrando-me eu lançada no mundo, vou criar minha própria definição (ou natureza, ou essência) de uma maneira que jamais ocorre com outros objetos ou formas de vida. Você pode achar que me define com algum rótulo, mas é engano seu, pois sou sempre uma obra em andamento. Crio constantemente a mim mesma pela ação, e isso é tão fundamental para minha condição humana que, para Sartre, *é esta* a própria condição humana, desde o primeiro instante de consciência até o momento em que a morte anula tudo. Sou minha liberdade: nem mais nem menos.

Era uma ideia fascinante e, depois que Sartre acabou de elaborá-la — isto é, nos anos finais da Segunda Guerra Mundial —, ela o transformou numa celebridade. Era festejado, cortejado como guru, entrevistado, fotografado, solicitado a escrever artigos e prefácios, convidado para comitês, transmitido em programas de rádio. Pediam-lhe constantemente para se pronunciar sobre temas fora de sua área, mas ele nunca se intimidava. Simone de Beauvoir também escrevia obras literárias, transmissões radiofônicas, diários, ensaios e tratados filosóficos — tudo unificado por uma filosofia muitas vezes próxima à de Sartre, embora tenha elaborado grande parte dela independentemente dele, e com outra ênfase. Os dois saíam juntos em turnês de conferências e livros, às vezes, no centro dos debates, ocupando cadeiras que mais pareciam tronos, como condizia com o rei e a rainha do existencialismo.¹⁰

A primeira vez que Sartre percebeu que se tornara uma celebridade foi em 28 de outubro de 1945, ao dar uma palestra pública para o Club Maintenant (“Clube Agora”), na Salle des Centraux em Paris. Ele e os organizadores subestimaram o número de pessoas que iria aparecer para a palestra. Os bilhetes se esgotaram; muita gente entrou de graça porque não conseguiu chegar ao balcão de ingressos. No aperto, algumas cadeiras foram danificadas e alguns presentes desmaiaram no calor implacável. Como disse a chamada de uma foto na revista *Time*: “Filósofo Sartre. Mulheres desmaiam”.¹¹

A palestra foi um grande sucesso. Naquela multidão, devia ser difícil enxergar Sartre com seu metro e meio de altura, mas ele fez uma apresentação empolgante de suas ideias, que depois se converteu em livro, *L'Existentialisme est un humanisme*, traduzido como *O existencialismo é um humanismo* e, em inglês, como *Existentialism and Humanism*. O ponto alto da palestra e do livro era um caso que soava muito familiar a um público recém-saído da experiência da Ocupação nazista e da Libertação. O episódio resumia o impacto e a atração de sua filosofia.

Um dia, durante a Ocupação, disse Sartre, um ex-aluno o procurou para pedir conselho. O irmão do rapaz fora morto em combate em 1940, antes da rendição francesa; depois seu pai se tornara colaborador e abandonara a família. O rapaz ficou com o apoio e a companhia apenas da mãe. Mas o que ele queria era atravessar clandestinamente a fronteira com a Espanha, para chegar à Inglaterra e se juntar às forças francesas exiladas e lutar contra os nazistas — enfim um combate viril, como oportunidade de vingar o irmão, desafiar o pai e ajudar a libertar o país. O problema era que a mãe ficaria sozinha, correndo perigo numa época em que era difícil até conseguir comida na mesa. E isso poderia causar problemas para ela junto aos alemães. Assim: devia ele fazer o correto com a mãe, em favor apenas dela mesma, ou devia se arriscar a entrar na luta e fazer o correto em relação a muitos?

Os filósofos ainda se debatem tentando responder a problemas éticos como este. O dilema de Sartre tem algo em comum com um famoso experimento mental, o “problema do trem”.¹² A questão é que você vê um trem ou vagão desgovernado correndo por uma linha de ferro onde, um pouco adiante, há cinco pessoas amarradas. Se você não fizer nada, as cinco morrerão — mas você nota que há uma alavanca, a qual você pode acionar, desviando o trem para uma linha lateral. Mas, se você fizer isso, vai matar uma

pessoa que está amarrada naquela parte e que estaria a salvo sem sua ação. Então, o que você escolhe? Age e causa a morte dessa pessoa ou não faz nada e deixa que morram cinco? (Numa variante, o “problema do gordo”, você só conseguirá desviar o trem se atirar nos trilhos um sujeito gordo que está numa ponte ali perto. Dessa vez, você precisa colocar fisicamente as mãos na pessoa que vai matar, o que torna o dilema mais difícil e visceral.) A decisão do aluno de Sartre pode ser vista como um tipo de decisão do “problema do trem”, porém mais complicada porque ele não tem como saber se ir para a Inglaterra realmente ajudaria alguém, nem se deixar a mãe iria prejudicá-la seriamente.¹³

Mas Sartre não estava preocupado em raciocinar fazendo um cálculo ético à maneira tradicional dos filósofos — e muito menos dos “trenzólogos”, como vieram a ser chamados. Ele levou o público a refletir sobre o problema de maneira mais pessoal. Como é se ver diante de tal escolha? Como procede um rapaz confuso ao lidar com tal decisão na hora de agir? Quem pode ajudá-lo, e como? Sartre abordou esta última parte examinando a questão de quem *não* pode ajudá-lo.

Antes de consultar Sartre, o estudante pensou em se aconselhar com as autoridades morais instituídas. Pensou em ir a um padre — mas às vezes os próprios padres eram colaboracionistas, e de todo modo ele sabia que a ética cristã só lhe diria para amar o próximo e praticar o bem aos outros, sem especificar que outros seriam estes, a mãe ou a França. Depois, pensou em recorrer aos filósofos que estudara na escola, que supostamente eram fontes de sabedoria. Mas os filósofos eram abstratos demais: sentiu que não teriam nada a lhe dizer naquela situação. Então tentou ouvir sua voz interior: talvez encontrasse a resposta lá no fundo do coração. Mas não: ouviu em sua alma apenas um alarido de vozes dizendo coisas diferentes (talvez coisas como: devo ficar, devo ir, devo ser corajoso, devo ser bom filho, quero ação, mas tenho medo, não quero morrer, preciso ir. Vou ser um homem melhor do que meu pai! Amo mesmo meu país? Estou fingindo?). No meio dessa cacofonia, ele não podia confiar nem em si mesmo. Como último recurso, o rapaz recorreu a seu ex-professor Sartre, sabendo que pelo menos a resposta não seria convencional.

Naturalmente, Sartre ouviu o problema e disse apenas: “Você é livre, portanto escolha — isto é, invente”. Não existem setas indicando o caminho neste

mundo, disse ele. Nenhuma das antigas autoridades pode aliviá-lo do fardo da liberdade. Você pode pesar considerações práticas ou morais com todo o cuidado que quiser, mas, ao fim e ao cabo, terá de dar o salto e fazer alguma coisa, e cabe a você decidir que coisa é essa.

Sartre não nos conta se o estudante achou o conselho útil nem o que ele afinal decidiu fazer. Não sabemos sequer se ele existia, se era um amálgama de vários jovens amigos ou se era pura invenção. O que Sartre queria era que os ouvintes entendessem que eram tão livres quanto o estudante, ainda que seus dilemas fossem menos dramáticos. Você pode achar que é guiado por leis morais — era o que estava dizendo — ou que age de tal ou tal maneira por causa de seu perfil psicológico ou de experiências do passado, ou em razão de determinadas circunstâncias. Esses fatores podem desempenhar um papel, mas todo esse conjunto simplesmente se soma à “situação” na qual você deve agir. Mesmo que a situação seja insuportável — talvez você esteja para ser executado ou se encontre numa prisão da Gestapo ou à beira de um precipício —, você ainda é livre para decidir como lidar com isso em pensamento e ação. Partindo de onde está agora, você escolhe. E, ao escolher, também escolhe quem você será.

Se isso parece difícil e desgastante, é porque é mesmo. Sartre não nega que a necessidade de tomar decisões continuamente traz uma angústia constante. Ele acentua ainda mais essa angústia apontando que o que fazemos realmente *importa*. Temos de escolher como se escolhêssemos em nome de toda a humanidade, assumindo toda a carga de responsabilidade pelo comportamento da espécie humana. Se evitamos essa responsabilidade enganando-nos e fazendo de conta que somos vítimas das circunstâncias ou dos maus conselhos de outra pessoa, deixamos de atender às exigências da vida humana e escolhemos uma falsa existência, separada de nossa “autenticidade” própria.

Com essa faceta assustadora, vem outra muito promissora: o existencialismo de Sartre tem como implícito que é possível ser autêntico e livre, desde que nos empenhemos nisso. É estimulante no mesmo grau em que é assustador, e pelas mesmas razões. Como Sartre resumiu numa entrevista logo após a palestra:

Não existe um caminho traçado que leve o homem à sua salvação; ele precisa inventar incessantemente seu próprio caminho. Mas, para inventá-lo, ele é livre, responsável, autêntico, e todas as esperanças residem dentro de si.¹⁴

É um pensamento revigorante, e era muito atraente em 1945, quando as instituições sociais e políticas existentes haviam sido minadas pela guerra. Na França e em outros países, muitos tinham boas razões para esquecer o passado recente com seus horrores e concessões morais, para se concentrar num novo início. Mas havia razões mais profundas para buscar uma renovação. O público de Sartre ouviu sua mensagem numa época em que grande parte da Europa estava em ruínas, viera à tona a notícia dos campos de morte nazistas, e Hiroshima e Nagasaki haviam sido destruídas por bombas atômicas.¹⁵ Com a guerra, as pessoas entenderam que eram capazes de se afastar totalmente das normas civilizadas; não admira que a ideia de uma natureza humana permanentemente parecesse questionável. Qualquer que fosse, o novo mundo que estava para nascer do mundo anterior provavelmente teria de ser construído sem o auxílio das fontes de autoridade, como políticos, líderes religiosos e mesmo filósofos — aquela antiga estirpe de filósofos recolhidos em seus mundos distantes e abstratos. Mas ali estava uma nova espécie de filósofo, pronto para pôr mãos à obra e plenamente adequado à tarefa.

A grande questão de Sartre em meados dos anos 1940 era: visto que somos livres, como podemos usar bem nossa liberdade em tempos tão exigentes? No ensaio “O fim da guerra”, escrito logo após Hiroshima e publicado em outubro de 1945 — no mesmo mês da palestra —, ele exortava os leitores a decidirem que tipo de mundo queriam e a se empenharem em sua construção. A partir de agora, escrevia ele, sempre é preciso levar em conta que sabemos que podemos nos destruir à vontade, acabando com toda a nossa história e talvez com a própria vida na Terra. Nada nos impede, a não ser nossa própria livre escolha. Se quisermos sobreviver, temos de *decidir* viver. Assim, ele oferecia uma filosofia adequada a uma espécie que estava apavorada consigo mesma, mas que finalmente se sentia pronta para crescer e assumir responsabilidade.

As instituições que tiveram sua autoridade contestada pelos textos e palestras de Sartre reagiram com agressividade. Em 1948, a Igreja católica colocou todas as obras de Sartre no *Índex de Livros Proibidos*, desde seu grande volume filosófico *O ser e o nada* até os romances, as peças e os ensaios.¹⁶ A Igreja temia, com razão, que as reflexões de Sartre sobre a liberdade pudessem levar as pessoas a duvidarem da própria fé. *O segundo sexo*, tratado feminista

de Simone de Beauvoir ainda mais provocativo, também foi acrescentado ao Índice. Que os conservadores políticos não gostassem do existencialismo, era previsível; mais surpreendente foi que os marxistas também o odiassem. Hoje em dia, Sartre é comumente lembrado como defensor dos regimes comunistas, mas por muito tempo foi execrado pelo Partido Comunista. Afinal, se as pessoas resolvessem pensar em si mesmas como indivíduos livres, como poderia haver uma revolução devidamente organizada? Para os marxistas, a humanidade estava destinada a atravessar determinadas fases até alcançar o paraíso socialista; isso não deixava muito espaço para a ideia de que somos pessoalmente responsáveis pelo que fazemos. Com diferentes pontos de partida ideológicos, quase todos os adversários do existencialismo concordavam que se tratava, como dizia um artigo em *Les Nouvelles Littéraires*, de uma “mistura abjeta de presunção filosófica, sonhos equivocados, tecnicismos fisiológicos, gostos mórbidos e erotismo hesitante [...] um embrião introspectivo que se teria grande prazer em esmagar”.¹⁷

Tais investidas apenas intensificaram a atração do existencialismo para os jovens e rebeldes, que o adotaram como modo de vida e rótulo da moda. A partir de meados dos anos 1940, “existencialista” servia para designar qualquer um que praticasse o amor livre e ficasse acordado até tarde, dançando ao som do jazz. Como lembra a atriz e animadora de boate Anne-Marie Cazalis em suas memórias: “Se você tinha vinte anos em 1945, depois de quatro anos de Ocupação, liberdade também significava a liberdade de ir deitar às quatro ou cinco da madrugada”.¹⁸ Significava chocar os mais velhos e desafiar a ordem das coisas. O filósofo Gabriel Marcel ouviu uma senhora no trem exclamar: “Oh, que horror, o existencialismo! Tenho uma amiga cujo filho é existencialista; mora numa quitinete com uma negra!”.¹⁹

A subcultura existencialista que surgiu nos anos 1940 encontrou morada nas cercanias da igreja de Saint-Germain-des-Prés, na Rive Gauche de Paris — área que ainda se aproveita ao máximo dessa associação. Sartre e Beauvoir passaram muitos anos morando em hotéis baratos de Saint-Germain, escrevendo nos cafés durante o dia, principalmente porque eram locais mais quentes do que os desaquecidos quartos de hotel. Preferiam o Flore, o Les Deux Magots e o Bar Napoléon, todos ao redor da esquina do Boulevard Saint-Germain com a Rue Bonaparte. O Flore era o melhor, pois o dono às vezes deixava que trabalhassem numa sala reservada no andar de cima, para

escapar aos passantes ou jornalistas intrometidos.²⁰ Mas eles também adoravam as mesas animadas no andar de baixo, pelo menos nos primeiros tempos: Sartre gostava de trabalhar em espaços públicos entre o barulho e a agitação. Ele e Beauvoir se reuniam com amigos, colegas, artistas, escritores, estudantes e amantes, todos falando ao mesmo tempo e todos cercados por nuvens de fumaça de cigarro ou cachimbo.

Além dos cafés, podiam frequentar clubes de jazz subterrâneos: no Lorientais, a banda de Claude Luter tocava blues, jazz e ragtime, enquanto o astro do Tabou era o trompetista e romancista Boris Vian. Era possível se requiebrar ao som estridente e queixoso de um grupo de jazz ou debater a autenticidade num canto escuro, ouvindo a voz rouca de Juliette Gréco, amiga e musa de Cazalis que ficou famosa após chegar a Paris em 1946. Ela, Cazalis e Michelle Vian (mulher de Boris) observavam os que chegavam ao Lorientais e ao Tabou e não deixavam entrar quem não tivesse perfil adequado — embora, segundo Michelle Vian, aceitassem todos “que eram interessantes — isto é, se estavam com um livro debaixo do braço”.²¹ Entre os frequentadores habituais estavam muitos autores desses livros, notadamente Raymond Queneau e seu amigo Maurice Merleau-Ponty, que haviam descoberto o mundo das boates por intermédio de Cazalis e Gréco.

Gréco lançou a moda do cabelo existencialista, liso e comprido — o ar de “vítima se afogando”, como escreveu um jornalista —, e de parecer chique usando pulôver grosso e paletó masculino com as mangas enroladas. Ela disse que deixara o cabelo crescer nos anos de guerra, para se aquecer melhor; Beauvoir disse a mesma coisa sobre seu hábito de usar turbante. Os existencialistas usavam camisas e capas de chuva surradas; alguns exibiam uma espécie de estilo protopunk. Um rapaz andava com “uma camisa totalmente rasgada e esfrangalhada nas costas”, segundo a matéria de um jornalista.²² Por fim adotaram a peça existencialista mais icônica de todas: a blusa preta de lã com gola olímpica.

Nesse mundo rebelde, tal como entre os dadaístas e boêmios parisienses de gerações anteriores, tudo que era provocativo e perigoso era bom, e tudo o que era bonitinho e burguês era ruim. Beauvoir gostava de contar uma anedota sobre um amigo, o artista alemão pobre e alcoólatra conhecido como Wols (de Alfred Otto Wolfgang Schulz, seu nome verdadeiro), que ficava ali pela área, vivendo de restos e doações de roupa e comida.²³ Um dia, ele estava bebendo com Beauvoir na varanda de um bar quando um senhor elegante e de